



FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NAS NARRATIVAS PEDAGÓGICAS SOBRE EDUCAÇÃO

Rony Jefferson Albuquerque Farias¹

José Adelson Lopes Peixoto²

Resumo: As narrativas pedagógicas sobre educação revelam diversas possibilidades para pensar a função social da escola na sociedade contemporânea. Deve-se, pois, ressaltar que não se trata de um tema novo, tendo em vista a sua importância ao longo da história da humanidade. Desta forma, o artigo tem como objetivo descrever e caracterizar a função social da escola a partir das narrativas pedagógicas sobre educação em John Comenius, Friedrich Fröebel e Paulo Freire. Não se trata de um estudo comparativo, sob o risco de incorrer em anacronismo histórico-temporal. Enquanto pesquisa qualitativa, o estudo tem como método uma revisão narrativa de literatura (método bibliográfico), de natureza exploratória, nos autores indicados, respectivamente, nas obras: ‘A Didática Magna’ (1649), ‘A Educação do Homem’ (1826) e ‘Pedagogia da Autonomia’ (1996). A relevância do estudo está nas contribuições que os autores e obras oferecem à história da educação em seus respectivos contextos históricos e socioculturais, em que a função social da escola é discutida. Os resultados indicam que a escola foi e continua sendo necessária ao desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, independentemente das controvérsias que envolvem sua tessitura conceitual.

Palavras-chave: Função social. Escola. Comenius. Fröebel. Freire.

1 Doutorando em educação pelo PPED/UNIT, Mestre em Sociedade e Políticas Públicas pelo SOTEPP/AL, Graduado em Pedagogia – ESTÁCIO e Direito - CESMAC, membro do NEEDI/UFAL, servidor público Técnico Administrativo em Educação na UFAL, profronyffarias@gmail.com

2 Professor Titular na UNEAL, Campus Palmeira dos Índios, coordenador do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas - GPHIAL e da Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas, Graduado em História – UNEAL, Mestre em Antropologia – UFPB e Doutor em Ciências da Religião - UNICAP, adelsonlopes@uneal.edu.br



Abstract: Pedagogical narratives about education reveal several possibilities for thinking about the social function of schools in contemporary society. It should therefore be emphasized that this is not a new topic, given its importance throughout the history of humanity. In this way, the article aims to describe and characterize the social function of the school based on the pedagogical narratives about education in John Comenius, Friedrich Fröebel and Paulo Freire. This is not a comparative study, at the risk of incurring historical-temporal anachronism. As a qualitative research, the study's method is a narrative literature review (bibliographic method), of an exploratory nature, on the authors indicated, respectively, in the works: 'A Didática Magna' (1649), 'A Educação do Homem' (1826) and 'Pedagogy of Autonomy' (1996). The relevance of the study lies in the contributions that the authors and works offer to the history of education in their respective historical and sociocultural contexts, in which the social function of the school is discussed. The results indicate that the school was and continues to be necessary for the personal and social development of individuals, regardless of the controversies surrounding its conceptual structure.

Keywords: Social role. School. Comenius. Froebel. Freire.conceptual.



1 INTRODUÇÃO

As narrativas pedagógicas sobre educação sempre estiveram presentes nas discussões que envolvem os processos de ensino e aprendizagem, sobretudo as controvérsias que dizem respeito à função social da escola. É nessa perspectiva que surge o artigo, resultado das reflexões de algumas obras e autores (as) trabalhados na disciplina Teorias Educacionais no curso de doutorado em educação em uma universidade particular na cidade de Aracaju, Sergipe e das práticas implementadas no cotidiano das licenciaturas ofertadas nas Universidades Federal e Estadual de Alagoas, lócus de atuação dos autores.

Os estudos e pesquisas sobre a função social da escola indicam um paradoxo que precisa ser discutido no tempo histórico e contexto sociocultural de cada obra/autor (a). Trata-se, portanto, conforme Soares (2006), de entender como a escola serviu, serve e, obviamente, servirá para domesticar ou libertar, reproduzir ou revolucionar, formar indivíduos ajustados socialmente ou indivíduos críticos. A constatação dessa realidade paradoxal impõe o seguinte objetivo para o artigo, a saber: descrever e caracterizar a função social da escola a partir das narrativas pedagógicas sobre educação em John Comenius (1592-1670), Friedrich Fröebel (1782-1852) e Paulo Freire (1921-1997).

Uma educação de qualidade, perpassada por valores historicamente consolidados ao longo dos tempos, constitui-se como um bem inalienável para sociedade, a qualquer tempo ou circunstância. Os resultados da revisão apontam para uma compreensão de escola que seja capaz de promover uma dupla função: atender as demandas socioculturais externas ao ambiente e ajudar os indivíduos a assumir o protagonismo na construção do seu próprio conhecimento.

Esta pesquisa irá, a partir das teorias dos pensadores da educação já descritos, analisar a função social da escola traçando um paralelo entre eles e assim tentar contribuir, através destas reflexões, para melhoria do processo educacional escolar contemporâneo.

2 METODOLOGIA

O artigo é resultado das discussões de algumas obras e autores considerados como base das principais teorias educacionais, se constitui como pesquisa qualitativa, e tem como método a revisão narrativa de literatura,



de natureza exploratória, nas obras ‘A Didática Magna’ (1649), ‘A Educação do Homem’ (1826) e ‘Pedagogia da Autonomia’ (1996). O cuidado na análise de autores e obras é fundamental para não incorrer em comparações rasas, sendo necessário distinguir o momento histórico das distintas teorias educacionais. As narrativas sobre a função social da escola indicam a relevância das abordagens de forma atemporal, necessárias para a atualidade e para as futuras pesquisas sobre o tema. Nota-se que os ideais iluministas de John Locke (1632-1704), a proposta de educação integral de Johann Pestalozzi (1746 – 1827) e o materialismo histórico dialético de Karl Marx (1818-1883) exerceram influência no conceito de escola dos autores e obras escolhidos nessa revisão de literatura.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola é uma instituição criada pela sociedade para transmitir às novas gerações o conhecimento sistematizado historicamente pela humanidade, reconhecidamente aqueles que atendem às demandas socioculturais de um determinado estrato social (Marques, 2002). Os estudos e pesquisas indicam que ela tem se modificado ao longo dos tempos, mas continua sendo necessária para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Enquanto espaço de desenvolvimento, deve “considerar os padrões relacionais, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes nas interações e relações entre os diferentes segmentos” (Dessen; Polônia, 2007, p. 27).

As controvérsias sobre a função social da escola podem ser discutidas, algumas até refutadas, mas não se pode negar que ela (escola) exerce uma função primordial na sociedade, em uma dupla dimensão, a saber, como conjunto de normas e regras; e como uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos (Dayrell, 2006). “Trata-se de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade” (Dessen; Polônia, 2007, p. 69). Em outras palavras, é na escola que se inicia o processo de formação para a cidadania, para a convivência em sociedade.

A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum (Canivez, 1991, p. 33).



Em sintonia com o contexto de amplas mudanças que aconteceram na passagem do século XX para o século XXI, a escola é chamada a responder às novas exigências impostas na contemporaneidade. De acordo com Canivez (1991, p. 34) “a escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra”. Para Bueno (2001), a função social foi se diversificando conforme os momentos históricos:

À escola, foi delegada a função de formação das novas gerações em termos de acesso à cultura socialmente valorizada, formação do cidadão e de constituição do sujeito social. Se em determinados momentos históricos, a escola se constituiu no lócus privilegiado de acesso aos bens culturais produzidos e valorizados pela humanidade, já que outros espaços sociais e comunitários (como a “família” ou a “vizinhança”) contribuíam para a formação dos sujeitos, os processos de urbanização pareceram ter confinado à escola, cada vez mais, a função de formação dos sujeitos, o que a transformou em espaço social privilegiado de convivência e em ponto de referência fundamental para a constituição das identidades dos alunos (Bueno, 2001, p. 6).

As abordagens e teorias educacionais que antecederam o século XXI foram fundamentais para a compreensão histórica das discussões sobre a função social da escola, presentes nas narrativas pedagógicas sobre educação. Tais narrativas, evidentemente, devem ser entendidas no contexto, pretexto e entrelinhas de autores e obras que discorreram sobre a relevância do tema para o eixo tempo-espaço social.

Nessa perspectiva, Jan Amos Comenius (1592-1670) é considerado como um dos mais importantes teóricos da educação no final do século XVI e início do século XVII da antiga República Tcheca. “Para dialogar com as ideias desse educador é necessário contextualizar seu tempo histórico, século XVII, momento de grandes transições, guerras, extermínios e perseguições político-religiosas” (Monção, 2011, p. 2). Outro elemento fundamental nesse diálogo é reconhecer a influência do ‘método intuitivo’ de Pestalozzi que trata das questões sensoriais (tocar, ouvir, comparar e analisar).

Pedagogo e pastor protestante, as narrativas pedagógicas de Comenius estão diretamente relacionadas à sua dimensão religiosa, herança das experiências na seita dos Irmãos Morávios (Colombo, 2006). Esses irmãos, conforme Gasparin (1994), entendiam que a educação era uma questão social, portanto, deveria envolver todos os indivíduos que participam de uma dada



sociedade. Sob essas influências e propondo romper com o modelo escolar elitista, “é consenso entre os autores pesquisados referirem-se às obras de Comenius como fundadoras da Pedagogia Moderna” (Monção, 2011, p. 3).

O ‘Tratado da Arte de Ensinar Tudo a Todos’ (A Didática Magna) é uma das principais obras de Comenius, publicada em 1649. Nela, o autor propõe um modelo de educação sem discriminação de sexo ou classe social, cuja função seja instruir de maneira sintética, agradável e sólida. “E de ensinar solidamente, não superficialmente e apenas com palavras, mas encaminhando os alunos para uma verdadeira instrução, para os bons costumes e para a piedade sincera” (Comenius, 2001, p. 4).

As narrativas presentes na obra ‘A Didática Magna’ indicam que a educação é fundamental para o desenvolvimento humano, ao tempo que também serve como mecanismo de transformação social e de transcendência (Monção, 2011). Deve ensinar nas escolas o que é útil para tal desenvolvimento, fazendo com que os estudantes aprendam mais. Elas, as escolas, são verdadeiras oficinas de homens, notadamente quando acolhem e promovem o progresso; quando ilumina as mentes dos discentes pelo fulgor do saber, onde todos aprendem totalmente tudo (Comenius, 2001).

Importa agora demonstrar que, nas escolas, se deve ensinar tudo a todos. Isto não quer dizer, todavia que exijamos para todos um conhecimento exato de todas as ciências e artes, [...]. Pretendemos apenas que se ensine a todos a conhecer os fundamentos, as razões e os objetivos de todas as coisas principais, das que existem na natureza como das que se fabricam, pois somos colocados no mundo, não somente para que façamos de espectadores, mas também de atores (Comenius, 2001, p. 40).

Para Monção (2011), o projeto de escola que ‘ensine tudo a todos’ é uma crítica de Comenius ao ensino inerte e confuso dos autores e obras que lhe antecedeu. “As escolas curvavam ao peso de fadigas e de caprichos, de hesitações e de ilusões, de erros e de faltas, de tal maneira que apenas podiam adquirir, à força de lutar, uma instrução sólida, aqueles que tinham [...] uma inteligência divina” (Comenius, 2001, p. 5).

Como ambiente favorável à aprendizagem, a escola “deve ser um lugar bonito, com espaço para brincar, com jardim, local em que as crianças e jovens sintam prazer em frequentar” (Monção, 2011, p. 6). Nesse ambiente, é impossível não conseguir bons resultados, pois existe prazer tanto em ensinar quanto em aprender (Comenius, 2001).



Os processos de ensino e aprendizagem, segundo Comenius (2001), vislumbram uma apropriação da cultura da humanidade, possibilitando aos indivíduos tornarem-se sujeito de sua própria história. Nesse sentido, discorre Monção (2011, p. 4), a escola passa a exercer a função de “oficinas da humanidade”, não apenas de homens; a educação passa a ser entendida de forma integral (materialidade e transcendência) articulada à vida.

Ensine-se, portanto, nas escolas, não apenas as ciências e as artes, mas também a moral e a piedade. A ciência e a arte, com efeito, adestram a inteligência, a língua e as mãos do homem a contemplar, a falar e a fazer racionalmente todas as coisas úteis. Se se deixa de aprender alguma dessas coisas, haverá um hiato, que não só tornará a instrução defeituosa, mas abalará até a sua solidez, pois nenhuma coisa pode ser sólida se não tem todas as partes bem ligadas (Comenius, 2001, p. 81).

As discussões sobre a educação e a função social da escola em Comenius ressaltam uma dupla dimensão de suas narrativas pedagógicas: individual e social. “O aspecto individual é evidenciado na medida em que se propõe que a escola tenha um método de ensino eficaz para ensinar a fim de favorecer a ampliação de conhecimentos e a formação de valores e atitudes dos alunos” (Monção, 2011, p. 5). Quanto ao aspecto social, fica evidenciado o conceito de escola como ‘oficina de homens’, onde são potencializadas as capacidades humanas (Monção, 2011).

Tal discussão, reflete o pensamento do educador e filósofo alemão, Friedrich Wilhelm August Froebel (1782-1852) é considerado o idealizador dos ‘jardins de infância’: local onde se desenvolvia atividades pedagógicas (brincadeiras e jogos infantis), fazendo com que a criança descobrisse sua essência divina e suas reais possibilidades (Santos; Jesus, 2016). Assim como Comenius, as narrativas pedagógicas foram influenciadas pela educação protestante que recebeu de sua família e, principalmente, pelas transformações socioculturais advindas da revolução industrial.

Em tempos de industrialização, progresso e modernização, os integrantes das classes menos favorecidas percebiam este momento como uma possibilidade de melhoria de vida. Esse pensamento ocasionou um aumento descontrolado de migrantes nas capitais, contribuindo para proletarização e aumento da pobreza. Preocupado com as crianças, filhos de operários, Froebel, fundou o Jardim de Infância e desenvolveu



métodos educativos que se expandiram por todo o mundo (Santos; Jesus, 2016, p. 2).

Na obra ‘A educação do Homem’ (1826), Fröebel apresenta seu método educativo, uma proposta de pedagogia escolar fundamentada “em uma filosofia religiosa e espiritual da vida, da natureza, da formação do ser humano e da educação” (Heiland, 2010, p. 41). A função da educação, nessa mesma abordagem, é promover uma vida sã, pura e santa para a todas as crianças e jovens (Heiland, 2010).

A arte da educação consiste na livre aplicação desse conhecimento, dessa reflexão, desse saber para a formação e desenvolvimento imediato de seres racionais, porque os prepara para realizar seu destino. O fim da educação é o desenvolvimento de uma vida fiel à sua vocação – sã, pura e, portanto, santa (Fröebel, 2001, p. 23).

De acordo com Santos e Jesus (2016), as narrativas sobre educação de Fröebel estão fundamentadas no autoconhecimento proporcionado pelas mediações das atividades e das reflexões do mundo concreto. Essas mediações funcionam como instrumentos que fazem brotar o conhecimento de forma natural e espontânea. Destaca-se que “nem o homem nem a humanidade, que no homem se exterioriza, constituem uma manifestação já definida e completa, algo fixo e estável, o fim de uma evolução, mas, sim, um ser que constantemente muda” (Fröebel, 2001, p. 31).

Sob a influência das narrativas religiosas, Fröebel (2001) entende que o fim último da educação consiste no cultivo integral da essência divina presente no homem, ajudando a manifestar o infinito no finito, o eterno no temporal e o divino no humano. “Desenvolver a educação é o caminho que conduz à vida” (Fröebel, 2001, p. 23). Diante das proposições froebelianas que indicam a importância dos processos educacionais para o desenvolvimento humano, faz-se oportuno discutir que papel/função exerce a escola nessa proposta de educação que conduz à vida.

Fröebel (2001) entende que a escola deve dar o conhecimento, a consciência da natureza e da vida eterna de todas as coisas e de si mesmas. “Assim, a finalidade do ensino consiste em fazer com que o aluno se dê conta da unidade de todas as coisas e de que todas existem, descansam e vivem em Deus” (Fröebel, 2001, p. 85).

Na ‘Educação do Homem’, Fröebel exorta sobre a função da verdadeira escola afirmando:



A escola não é escola mais que por intuição e conhecimento do espírito, do princípio unificador que palpita no fundo da pluralidade das coisas particulares. Não esqueçamos jamais: o que constitui a escola não é o ensino da pluralidade como tal, mas a visão da unidade eternamente viva em todas as coisas. Se isso não ocorrer, é porque há poucos professores que realmente o são e, conseqüentemente, teremos poucas escolas verdadeiras (Fröebel, 2001, p. 89).

As considerações sobre a função social da escola nas narrativas de Fröebel levam a entender que o ensino escolar deve ser profundo, baseado na natureza humana, no sentido de que a educação não se converta em discussões superficiais, sem influência sobre a mente ou coração (Fröebel, 2001).

Ensino e escola devem estar pautados na aquisição de conhecimento triplo e unificados, ou seja, conhecimento de si mesmo sob todos os aspectos, conhecimento do homem em geral, por fim, conhecimento de Deus. “A instrução e a escola hão de dirigir o homem para que viva e trabalhe de acordo com o conhecimento triplo e unificado” (Fröebel, 2001, p. 90).

A escola só pode ser escola quando estiver impregnada por vivências e espiritualidade que envolvam e transfigurem todas as coisas. Não esqueçam isso aqueles que estão encarregados de organizar e dirigir nossas escolas. A escola só pode ser escola se pressupuser clara consciência de que, sendo intermediária entre o aluno e o mundo exterior, busque unificá-los – mantendo o essencial dos dois, e fale ambos os idiomas para facilitar, como intérprete, a mútua compreensão (Fröebel, 2001, p. 90).

As abordagens froebelianas presentes na ‘Educação do Homem’ propõe um conceito de escola que contemple o desenvolvimento integral do ser humano, numa constante evolução natural da criança. Enquanto ‘sabedoria adequada’, a função social da escola consiste em intermediar as relações entre o aluno e o mundo (mundo exterior e o mundo do aluno). Para Heiland (2010), é essa concepção pedagógica, subjetiva e objetiva, que torna a educação uma realidade capaz de revelar a capacidade do espírito humano em aprender de forma natural e espontânea.

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), Patrono da Educação Brasileira, é considerado um dos mais influentes pensadores do século XX, nascido em Recife – Pernambuco. O reconhecimento internacional do ilustre pensador se justifica pela relevância dos estudos e pesquisas voltadas para o campo



da educação, sobretudo pela ênfase dada às condições epistemológicas do fazer pedagógico, ou seja, uma educação dialógica onde os fundamentos de sua constituição estão sujeitas ao contexto dos indivíduos e grupos sociais (Werri, 2008).

Sob a influência do materialismo dialético proposto por Karl Marx, Freire (2002) desenvolve uma pedagogia crítica, condição fundamental para pensar as relações socioculturais e os processos de ensino/aprendizagem. As narrativas pedagógicas sobre educação surgem, justamente, como possibilidade de transformação e promoção do ser humano, a partir do momento que as pessoas tomam consciência das condições socioeconômicas, culturais e políticas em que estão inseridas (Freire, 2002).

Na ‘Pedagogia da Autonomia’ (1996), importante obra de Freire, a função social da educação é discutida a partir de um paradoxo dialético: ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança social. As variações paradoxais em alguns momentos preservam formas culturais; em outros, interferem diretamente no processo. Conforme o autor, “de qualquer modo para ser autêntico, é necessário ao processo educativo que se ponha em relação de organicidade com a textura da sociedade a que se aplica” (Freire, 2001, p. 10).

No ato de conhecer, afirma Freire (2002), o sujeito deve se reconhecer como inacabado, inconcluso. Para ele, o ser humano não é capaz de conhecer tudo, portanto, essa sim é uma experiência tipicamente humana. “Conhecer é uma ação dialética e dialógica, algo em constante movimento, ou seja, não é algo estático, pronto, acabado” (Engelmann; Soranço, 2016, p. 7). É por meio da/na prática pedagógica que educador e educandos vão desvelando e recriando o conhecimento (Freire, 2002).

Segundo Gomes (2014), quando se pensa em função social da educação e/ou da escola, deve-se ter clareza das finalidades e objetivos que se deseja alcançar. Desta maneira, afirma Freire (2002), o ensino tem que ser competente e generoso; comprometido; um ensino que intervenha na sociedade; que promova a liberdade e a autoridade; principalmente, que seja capaz de escutar, dialogar e querer o bem dos educandos.

Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa de outro, a alegria necessária ao querer-fazer docente (Freire, 2002, p. 73).



Educar é uma experiência humana, por isso tem que despertar sentimentos, sonhos e emoções entre os envolvidos na prática pedagógica (Freire, 2002). A função social da escola, de acordo com a pedagogia freireana (2002), é fazer com que os educandos se desenvolvam criticamente, sejam capazes de ler o mundo e assumam a protagonismo na construção do seu próprio conhecimento. Ora, isso não será possível sem que o sujeito se torne autoconsciente das condições simbólicas e materiais de sua existência (Freire, 2002). A escola tem que exercer a função de mediadora das relações individuais e sociais que constituem o processo de aprendizagem, afim de que a educação seja autêntica.

Educação autêntica, repitamos, não se faz de A par B ou de A sobre B, mas com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação (Freire, 1988, p. 84).

As narrativas pedagógicas presentes na ‘Pedagogia da Autonomia’ poderiam nos levar às diversas possibilidades de entendimento acerca da função social da escola para Freire. Em face das inquietações do autor, educar para a autonomia é a possibilidade mais viável de desenvolvimento humano na sociedade contemporânea.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função social da escola presente nas narrativas pedagógicas sobre educação indica a importância dessa instituição (escola) para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos ao longo da história da humanidade. Os autores e obras, embora representem recortes socioculturais e históricos, reconhecem que a escola é fundamental na vida das crianças, sobretudo para o processo de socialização e aquisição de conhecimento. Como fora proposto no início do artigo, o objetivo foi descrever e caracterizar as narrativas pedagógicas sobre educação, buscando identificar a função social da escola nas teorias educacionais, tendo o cuidado de não fazer comparações entre autores e obras.

As narrativas de Comenius na ‘Didática Magna’ indicam que a escola deve ensinar tudo a todos, um modelo de ensino onde a formação humana



é aplicada concretamente na vida, na sociedade, na natureza, ressaltando também as experiências religiosas dos indivíduos. Fröebel, na ‘Educação do Homem’, afirma que a função social da escola é promover uma educação de forma integral, acompanhando a evolução natural dos processos de aprendizagem infantis. Na ‘Pedagogia da Autonomia’ de Freire, cabe à escola fazer com que o indivíduo seja protagonista de seus processos de aprendizagem, tornando-se autoconsciente das condições simbólicas e materiais de sua existência.

As contribuições dos autores e obras presentes no artigo não representam o fim das discussões, porque as novas demandas socioculturais impõem outras possibilidades de entendimento sobre a função social da escola. Nesse sentido, espera-se que a pesquisa tenha oferecido fundamentos epistemológicos que favoreçam estudos posteriores.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos às instituições que se converteram em objetos da nossa análise: UNIT – PPED, UFAL E UNEAL.

REFERÊNCIAS

BUENO, José Geraldo Silveira. **Função Social de Escola**. In Educar, Curitiba. Editora da UFPR, 2001.

COLOMBO, Luis Augusto Beraldi. **Comenius, a educação e o ciberespaço**. São Paulo: Comenius, 2006.

COMENIUS, I. J. **A Didática Magna**. Introdução, Notas e Tradução: Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa, PT: Fundação Caloutre Gulbenkian, 2001. Disponível em: <http://www2.unifap.br/edfisica/files/2014/12/A_didactica_magna_COMENIUS.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2021.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** Campinas: Papirus, 1991.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG. 2006



DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil. Paidéia, 2007, 17(36), 21-32.

ENGELMANN, Alini Kunz. SORANÇO, Angéle Passari. Paulo Freire: educação, conhecimento e práxis pedagógica. **Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia**, Universidade Federal da Fronteira do Sul – UFFS, Chapecó, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire – São Paulo: (1996), 25ª Edição, PAZ E TERRA, 2002 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001

FROEBEL, F A. **A Educação do homem**. Passo Fundo: UPF, 2001. 238 p

GASPARIN, João Luiz. **Comênio ou da arte de ensinar tudo a todos**. São Paulo: Papyrus, 1994.

GOMES, Alessandra de Oliveira Capuchinho. **A função social da escola: uma análise das significações constituídas pelos gestores, professores, pais e alunos de uma escola pública paulista**. Tese de doutoramento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2014. 525 p.

HEILAND, Helmut. **Friedrich Fröbel**. tradução: Ivanise Monfredini. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 138 p.: il. – (Coleção Educadores).

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

MARQUES, R. **O envolvimento das famílias no processo educativo: Resultados de um estudo em cinco países**. Disponível em: <<http://www.eses.pt/usr/Ramiro/Texto.htm>>. Acesso em 28 de junho de 2021.



MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro primeiro: o processo de produção de capital. 9.ed. Trad. Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: DIFEL, 1984. v.1.

MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes. **Comenius e os desafios da educação contemporânea**: em foco, a gestão escolar democrática. Simpósio Brasileiro e Congresso Ibero-Americano de Política e Administração, 2011. Disponível em: <<https://anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0337.pdf>>. Acesso em 30 jun 2021.

PESTALOZZI, Johann H. Cartas sobre educación infantil. 2. ed. Estudio preliminar y traducción de José María Q. Cabanas. **Colectión Clásicos del Pensamiento**. Madrid: Technos, 1996.

SANTOS, Alexandra Lima; JESUS, Evanildes Santos de. **Influência das concepções de Friedrich Froebel nas atuais propostas pedagógicas**, 2016. Disponível em: <<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc13.pdf>>. Acesso em 27 jun 2021.

SOARES, Magda. **Para que Serve a Escola?** Revista “Pátio” – Ano X – Nº 39 – Agosto à Outubro de 2006.

WERRI, Ana Paulo Salvador. **A função social da educação para Paulo Freire**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.